

RELIGIÃO E PSICOLOGIA: A INFLUÊNCIA DO MUNDO CIENTÍFICO SOBRE AS CRENÇAS RELIGIOSAS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Ângela Maria Brasil*
José Jorge de Moraes Zacharias**

Resumo: No mundo moderno a psicologia como ciência ocupou o lugar que antes era dos sistemas mágico-religiosos. O estudo da alma humana (psyké) passou para as ciências. A formação de psicólogos fatalmente levará ao confronto de valores religiosos individuais e os conceitos científicos. Neste contexto qual deve ser a influência do curso de graduação em psicologia nos valores religiosos assumidas por estudantes de psicologia? Esta breve pesquisa com 156 sujeitos, alunos de graduação em psicologia tende a mostrar as diferenças entre a religião assumida e a frequência em cultos religiosos, no primeiro, segundo e quarto ano de graduação. Observou-se uma tendência dos alunos a abandonar religiões neo-pentecostais e afro-descendentes e aumento de opções pelo catolicismo, protestantismo histórico e ateísmo.

Palavras chave: religiosidade, psicologia, ciência, religião.

Abstract: In the modern world, psychology as science occupies the place that was originally from religion systems. The research of human soul (psyké) comes to the science. Learn psychology goes to a chock between personal religion values and scientific statements. In this context, what is the influence of graduate psychology course in the students' religion values? This small research with 156 graduate psychology students intend shows the difference between personal religion and frequency to religion services in first, second and fourth degree graduation. We can see that students leave neo-Pentecostal and afro-descendent religions and search Catholicism, historical Protestantism and atheism.

Key words: religiosity, psychology, science, religion.

Introdução.

Nossa cultura foi historicamente construída nas tradições católica popular portuguesa, amalgamada por práticas religiosas indígenas e africanas. Nossa religiosidade sempre incluiu aspectos míticos e místicos que foram construindo nossa sociedade. E que de outro modo poderia ser, uma vez que uma das expressões humanas é o comportamento religioso, observado em todas as culturas e épocas.

É fato de que em muitas regiões do Brasil as pessoas confiam mais nas tradicionais benzedeadas do que nas práticas médicas convencionais. Certamente este dado evidencia uma sociedade organizada na desigualdade social, em que muitos nunca tiveram acesso a

* Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

** Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Associação Junguiana do Brasil AJB/IAAP – SP.

tratamentos médicos adequados e que o apoio místico das benzedeiros foi o único alento em meio ao sofrimento físico e emocional.

Com o desenvolvimento das ciências biológicas, psicológicas e sociais, certamente os antigos xamãs, curandeiros, adivinhos e outros foram forçados a ceder lugar aos médicos, psicólogos e sociólogos

Quem atenta para o humano e para si mesmo, percebe a dinâmica destes saberes que coexistem na experiência humana, se entrelaçam, se constroem e reconstroem ao longo da vida e da história.

O comportamento religioso é inerente ao ser humano que exterioriza sua experiência com o Sagrado em mitos, símbolos e ritos. Por outro lado estes mitos, símbolos e ritos conduzem as pessoas de volta ao Sagrado, resignificando a experiência. Um claro exemplo deste fenômeno são os sincretismos que presenciamos em nossa cultura religiosa.

Afirma o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1991) que as tradições religiosas e os sistemas mágicos da antiguidade são o resumo da psicologia em um período em que a ciência, com seu método próprio, mensuração e sistematização ainda não havia se constituído como campo de conhecimento.

Com o surgimento da psicologia como ciência, o objeto de estudo foi definido como sendo o comportamento humano, obviamente incluindo-se o comportamento religioso e as múltiplas variáveis que influenciam este comportamento, sejam psicossociais, de personalidade ou aprendido.

A questão das crenças e das experiências religiosas de indivíduos reais é objeto do estudo psicológico que, como ciência isenta de crenças religiosas, investiga o comportamento religioso com a maior isenção possível, necessária a todo método de investigação científica para ser adequado, buscando compreender o fenômeno sem a interferência de valores ou crenças dos pesquisadores.

No entanto, a psicologia aplicada, seja em clínica, educação ou organização, é exercida por pessoas, os psicólogos, que tem crenças e valores religiosos como qualquer outra pessoa. Estes aspectos pessoais tendem a influenciar em diversas medidas a atuação dos psicólogos, isto porque não se consegue separar cirurgicamente o profissional, o cientista do ser humano que o encarna. Quando esta interferência não passa pelo crivo da autocrítica o psicólogo tende a se dirigir para práticas não recomendadas pela ciência psicológica.

As questões e conflitos entre psicologia e práticas místicas ou religiosas têm adquirido relevância em nosso meio, sejam em função de posturas cristãs fundamentalistas, na medida

em que profissionais baseiam seu trabalho em crenças e valores do fundamentalismo evangélico ou neo-pentecostal; ou práticas esotéricas associando teorias psicológicas a práticas e crenças dos novos esoterismos que surgiram no movimento *new age*.

Apesar da distância e mesmo oposição de alguns pressupostos da psicologia em relação às religiões, os alunos em formação acadêmica em psicologia são oriundos da sociedade e trazem formação cultural e religiosa própria do grupo a que pertencem, inclusive crenças e valores religiosos. Em virtude disto surge a questão: - Em que medida e como o ensino da ciência psicológica pode interferir nas crenças religiosas de estudantes de graduação em psicologia?

O presente estudo, piloto e exploratório, procura analisar a eleição, mudança e abandono de credos e crenças religiosas ocorridas em alunos da graduação em psicologia à medida que entram em contato com conceitos e formulações do mundo científico, mais especificamente no campo da psicologia, por ser esta a ciência que estuda a 'alma' humana.

Parte-se da hipótese de que a passagem do nível de conhecimentos do senso comum (mundo leigo) para o campo do conhecimento científico altera a escolha, a opção ou o abandono de credos religiosos professados até então, sendo estes incorporados ou não pela tradição familiar de cada estudante.

Vários estudos mostram que a sabedoria popular estrutura suas concepções de mundo a partir da própria condição de vida e resiste a conhecimentos vindos de fora do seu campo experiencial, principalmente aqueles conhecimentos construídos pelas ciências.

Deste modo propomo-nos a analisar o perfil da religiosidade expressa em estudantes de psicologia, e as variantes nesta expressão religiosa ao longo do curso, através de um corte transversal no grupo de sujeitos.

O saber científico é algo almejado como condição de ascensão profissional, social e econômica; e neste sentido, o contato com este saber pode desencadear novos questionamentos sobre as relações homem-mundo interno e externo. Assim, é bem provável que o encontro do saber do senso comum e o saber científico levem o estudante a questionamentos e críticas tanto quanto ao que já conhecia e quanto ao que passa a conhecer.

Devido ao peso do saber científico, por um lado, em função dos desejos de conhecimento da realidade e da formação profissional; e do peso das experiências e tradições religiosas por outro, espera-se a ocorrência de novas posturas e reorganização das crenças e valores religiosos dos alunos. O embate entre uma religiosidade pessoal, advinda da história individual e os novos conhecimentos científicos tendem a causar uma polarização tensional

que, se encarada com sinceridade e profundidade por cada um poderá resultar no que Jung (1991) chama de função transcendente – fenômeno em que o par de opostos é superado por uma alteração do ponto de vista e, portanto de uma integração dos contrários em algo mais amplo. Para Jung o termo função transcendente não tem nada de místico ou esotérico, ele utiliza o termo como habilidade ou possibilidade da psique para ultrapassar um conflito, elaborando a tese e a anti-tese em uma síntese aceitável.

Esta nova postura pode ampliar-se para o campo de uma nova e diferente concepção, isto é para uma nova elaboração, ou para a busca das raízes e fontes ancestrais que guardam os conteúdos simbólicos da experiência original.

Nesse sentido, consideramos que estes fatores contribuem de algum modo para alterações no campo religioso. Pela faixa etária em que estes sujeitos se encontram entendemos que outras variáveis também estejam em pauta, tais como mídias, modismos, e façam parte do rol de novas buscas.

Metodologia.

Os sujeitos desta pesquisa foram alunos do curso de graduação em psicologia de uma universidade privada na cidade de São Paulo. A idade dos sujeitos variava entre 20 e 26 anos, de ambos os sexos, no total de 156 sujeitos distribuídos entre o primeiro, o segundo e o quarto ano do curso de psicologia.

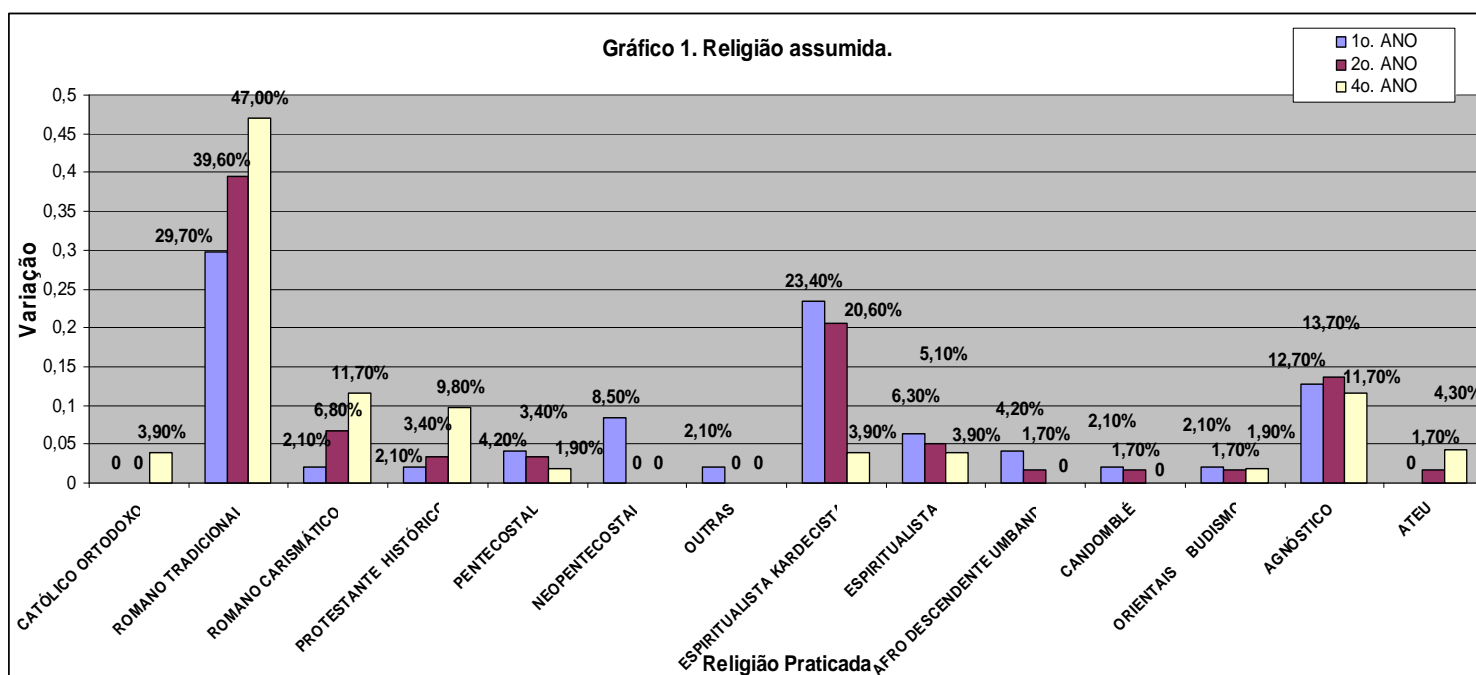
Foi desenvolvido pelos pesquisadores e aplicado um questionário semi-estruturado contendo duas questões de múltipla escolha, relativas à religião assumida e frequência a atividades religiosas.

Resultados e análise

Tabela 1. Religião assumida.

ANO DE GRADUAÇÃO	1º. ANO	2º. ANO	4º. ANO
CATÓLICO ORTODOXO	0	0	3,9%
ROMANO TRADICIONAL	29,7 %	39,6 %	47,0 %
ROMANO CARISMÁTICO	2,1 %	6,8 %	11,7 %
PROTESTANTE HISTÓRICO	2,1 %	3,4 %	9,8 %
PENTECOSTAL	4,2 %	3,4 %	1,9 %

NEOPENTECOSTAL	8,5 %	0	0
OUTRAS	2,1 %	0	0
ESPIRITUALISTA KARDECISTA	23,4 %	20,6 %	3,9 %
ESPIRITUALISTA	6,3 %	5,1 %	3,9 %
AFRO DESCENDENTE UMBANDA	4,2 %	1,7 %	0
CANDOMBLÉ	2,1 %	1,7 %	0
ORIENTAIS BUDISMO	2,1 %	1,7 %	1,9 %
AGNÓSTICO	12,7 %	13,7 %	11,7 %
ATEU	0	1,7%	4,3 %
TOTAL	100%	100%	100%



Observamos na tabela 1 que há maior concentração nas expressões católicas e protestantes tradicionais no quarto ano do que nos anos anteriores. Há uma tendência de crescimento quanto à religião assumida, com o avanço do conhecimento científico para religiões mais tradicionais e cristãs como catolicismo (ortodoxo, tradicional ou carismático) e protestantismo histórico.

Os resultados apontam para a maior tendência de se buscar religiões tradicionais e que possuem seus sistemas de crenças e valores estruturados em bases teológicas e filosóficas fortemente alicerçadas na racionalidade e intelectualidade. Além disto, são religiões comumente encontradas em classes com maior grau sócio cultural de desenvolvimento.

Por outro lado ocorre uma queda nas afirmações de pertinência religiosa de religiões como: protestante pentecostal e neo-pentecostal. Geralmente estas correntes religiosas são

mais fundamentalistas na maneira como interpretam o texto sagrado (Bíblia), não sendo valorizada a estruturação e o estudo de fundamentos teológicos ou filosóficos, muito importantes em outras correntes cristãs. Este desvalor tende a atrair para seus quadros pessoas mais simples, de compreensão mais empírica da vivência religiosa.

A pregação destas correntes tendem a apresentar idéias e afirmações que muitas vezes se chocam com descobertas científicas em geral e também no campo da psicologia. Provavelmente este choque conduza alunos de psicologia que, no primeiro ano do curso, eram adeptos destas religiões a questioná-las e mudarem de religião.

No campo das espiritualistas e kardecista também há um retrocesso de pertinência assumida quando se comparam os alunos de primeiro e quarto ano. Provavelmente isto se deva ao desenvolvimento do pensamento crítico quanto aos fenômenos psíquicos expressos nestas religiões e estudados pela psicologia profunda, principalmente as abordagens psicanalíticas. No entanto, ainda se mantém como religião assumida, pois principalmente o kardecismo prima em ter um corpo teórico e conceitual explicitado na grande quantidade de obras publicadas sobre a religião. Apesar da diminuição de pertinência, estas preferências não chegam a desaparecer, evidenciando uma acomodação de crenças e valores que, enfrentando o conflito de opostos chegou a uma síntese aceitável pelo sujeito, o que Jung (1991) chamaria de função transcendente.

No campo das afro-descendentes podemos observar a diminuição quanto a pertinência a estas religiões conforme se avança nos anos de graduação. Extingue-se esta filiação religiosa no quarto ano provavelmente porque a vivência religiosa afro-descendente é muito mais pragmática e empírica do que teórica ou racional. Não há a preocupação em se construir um corpo doutrinário para estas religiões, diferentemente do kardecismo. A doutrina se aprende na prática e mesmo assim pode ser muito relativa (ZACHARIAS, 1989). Além disto, a questão do transe e da possessão por entidades ou divindades (orixás) tende a ser questionada e reduzida a simples fenômenos psíquicos e, às vezes, considerados psicopatológicos. Estas questões fazem com que alunos de psicologia dos últimos anos se afastem das religiões de tradição afro-descendente.

Quanto ao budismo e aos agnósticos observamos que praticamente se mantiveram no mesmo patamar. A pesquisa piloto parece apontar para o fato de que como estas posturas religiosas não entram em choque tão direto com o conhecimento científico dificilmente haverá conflito entre estes campos de experiência.

Por outro lado, é importante notar que a quantidade de ateus assumidos variou para mais do primeiro para o quarto ano da graduação. Provavelmente o desenvolvimento do pensamento crítico, os novos conhecimentos científicos estudados e as leituras teóricas que a psicologia faz dos fenômenos psíquicos, inclusive religiosos, tenham colaborado para que muitos deixem de professar uma religião por conta do contato com o conhecimento e o métodos científico.

Esta constatação deve-se ao fato de que no primeiro ano a diversidade religiosa está mais ampla em função exatamente da atuação do conhecimento de senso comum e da influencia social e familiar. Ao longo da formação há uma tendência de maior atividade do pensamento crítico e utilização da lógica científica em vários setores da vida pessoal, afetando, inclusive, a definição religiosa pessoal.

Assim sendo, observamos uma busca por religiões que apresentem uma estrutura teológica mais consistente, e que apresentem conteúdos simbólicos mais elaborados e conecte o sujeito a sua raiz cultural. Além disto, religiões como o budismo não apresentam choques ideológicos tão pronunciados com a ciência, pois mais se baseia em uma postura filosófica do que uma teologia estruturada. Observamos que as religiões pentecostais ou espiritualistas tendem a perder força frente aos novos questionamentos científicos. Assim sendo, a questão do embate parece ser resolvida pela via da busca da tradição e raiz simbólica e teológica das religiões mais tradicionais.

Tabela 2. Frequência aos cultos religiosos.

ANO	1º. ANO	2º. ANO	4º. ANO
MAIS DE UMA VEZ POR SEMANA	14,6 %	12,2 %	2,3 %
UMA VEZ POR SEMANA	36,5 %	46,9 %	34,8 %
RARAMENTE	48,7 %	36,7 %	53,4 %
NUNCA	0	4,0 %	9,3 %
TOTAL	100%	100%	100%

Observamos na tabela 2 que há maior tendência, dos alunos, em deixar de frequentar os cultos religiosos, embora como vimos na tabela 1, a maior tendência é para professar religiões estabelecidas historicamente. Provavelmente este abandono dos cultos esteja relacionado ao fato de que os sujeitos, ao longo da formação, terem desenvolvido maior elaboração crítica de suas experiências e da visão de mundo, não sentem que os cultos religiosos, tal qual se mostram no cenário contemporâneo, contribuam para o seu desenvolvimento pessoal ou espiritual.

Sendo o mote da maioria dos cultos cristãos, hoje em dia, aspectos político-sociais, acalentados pela teologia da libertação, ou expressões puramente emocionais desprovidas de profundidade simbólica e mística, como os movimentos carismáticos e neo-pentecostais, as pessoas mais críticas não recebem o sustento espiritual necessário, que é a função primeira das religiões. Assim, é provável que os sujeitos tenham suas exigências pessoais e intelectuais aumentadas com o passar do tempo e da formação, o que pode explicar a tendência de queda verificada na frequência a cultos religiosos.

Conclusões.

Concluimos com este breve estudo que, a formação proporcionada pelo curso de psicologia aprimora o conhecimento científico, desenvolve a crítica e torna o aluno mais exigente em termos das questões religiosas. Apesar disso, não ocorre o abandono da afiliação religiosa, mas o aluno é levado à busca por religiões de raiz histórica e cultural, que guardam em si o conteúdo simbólico original e apresentam uma estrutura teológica e filosófica consistente. O catolicismo e o protestantismo tradicional, por terem sua representatividade espiritual atestada pela história se mostram como alternativas religiosas coerentes com o pensamento crítico e científico para alunos de psicologia.

Religiões que apresentem maior apelo emocional, como os neo-pentecostais, ou práticas mais tribais, como a umbanda, apresentam condições para que haja maior resistência em aceitá-las como possibilidades da expressão religiosa por parte dos alunos de psicologia, provavelmente por considerá-las incompatíveis com o modelo racional e crítico da ciência.

Concluimos igualmente que a maior exigência intelectual dos sujeitos, que passaram pela formação acadêmica em psicologia, tende a afastá-los dos cultos religiosos tal qual se apresentam no cenário contemporâneo. Provavelmente isto se deva ao fato que é exposto por São Paulo aos coríntios: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino”.(Bíblia Sagrada. I Coríntios 13:11).

Referências

- BÍBLIA SAGRADA, Sociedade Bíblica do Brasil, Petrópolis, 1989.
CATALAN, J-F. – *O Homem e Suas Religião*, São Paulo, Paulinas, 1999
JUNG, C.G. – *A Natureza da Psique*, Petrópolis, Vozes, 1991
LINN, M. e col. – *Abuso Espiritual e Vício Religioso*, Campinas, Versus, 2000.
ZACHARIAS, J.J.M. – *Ori Axé*, São Paulo, Vetor, 1989.

